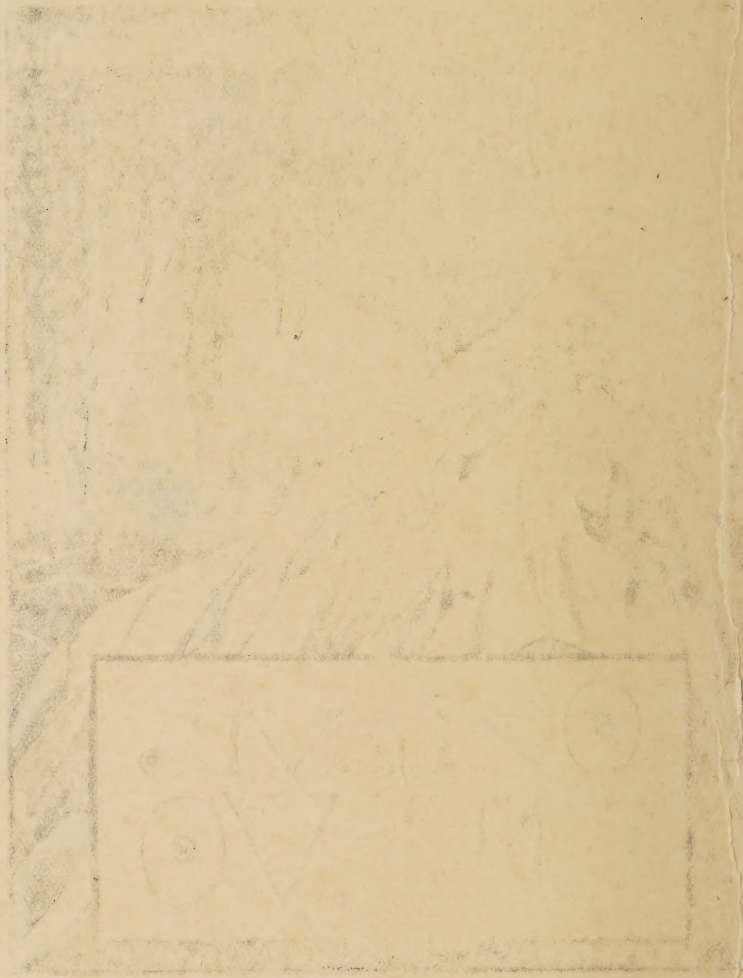
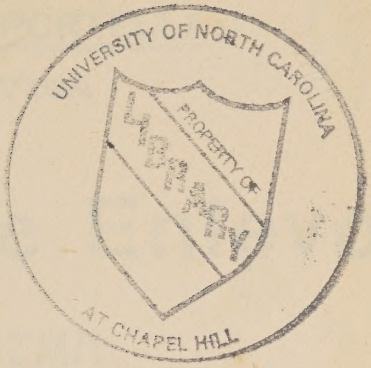
TERCEIRA EDIÇÃO





O SUAVE ENLEVO

Desenhos de M. Constantino

RC
C
PQ9697
.P682
S8
1929

BASTOS PORTELLA

(YVES)

O Suave Enlevo

POEMA

TERCEIRA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO
Typ. Benedicto de Souza
Rua do Carmo, 43

1929

Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/osuaveenlevopoem00port

A ONDINA

. . . . . .

Olha: eu te amo porque és piedosa e bôa
para o meu solitario coração...

. . . . . .

Ao querido
Murillo de Araujo
posta na accepção mais
ampla do termo, toda a
sympathia e admira —
.....

...Nous nous sommes rencontrés, nous nous quittons, c'est l'histoire de tous les jours....

PIERRE WOLFF.

Dantas Portela

Rio
930

O SUAVE ENLEVO

(1929)

A historia deste poema é frivola e sentimental. Eis porque não a venho contar aos homens de coração arrogante. — Ella lhes causaria inveja ou, certamente, provocaria irrisão. — Porque o coração masculino é quasi sempre sceptico e egoista. — Falo á alma irrequieta das mulheres. Daquellas que amaram inutilmente, e viram morrer um sonho, que se fanou como uma rosa de outomno... Uma rosa que alguem deixasse esquecida, uma tarde, sobre um divan, — ao fim de uma confidencia dolorosa... — Por isso, a minha "causerie" é triste, e deflue, em surdina, como num suave enlevo... E' triste, simples e sincera. Quasi como um queixume — algumas vezes — e outras, um pouco ironica — mas de uma ironia vingativa — á maneira educada de quem misturasse o desconsolo de uma lagrima á displicencia e á melancolia de um sorriso...

O LADO COR DE ROSA DA VIDA

I

Não sei si diga mal da minha vida!
Penso que, si ella é triste e dolorosa,
— e ás vezes a mim mesmo me intimida —
tem, comtudo, o seu lado côr de rosa...

Olhae: A tarde é morta! E' o lusco-fusco... Emtanto,
sobre o ouro-velho, que ficou do sol,
— lá para o poente, num recanto, —
fulgura o clarão-rosa do arrebol...

E eu me lembro, afinal, que sou assim:
— alma triste, apagada, sem relevo...
Mas, quantos, meditando o que digo e o que escrevo,
não soffrerão, talvez, com o pensamento em mim?

Quem sabe? Sou alguem que, num doce queixume,
numa palavra meiga, ou num soluço vão,
traz um pouco de affecto e de perfume,
para algum desolado coração...

...E' n'agua das lagôas taciturnas
que os cysnes mais felizes vêm boiar...
Para as sombras nocturnas,
ha sempre um pyrilampo a accender e a apagar...

Sou fantasista e sonhador!
Amo e soffro! A minha alma é languida e amorosa...
E para quem padece por amor,
A vida tem seu lado côr de rosa...

MELINDROSA

II

Ah, si eu te amasse, não seria assim...
Bem vês! essa vaidade frivola me irrita.
Será para encantar meus olhos tristes
que usas pulseiras de ouro e esses laços de fita?
Dizem que és uma flor de porcelana,
uma boneca frágil, delicada...
Vives para os salões, para a vida mundana...
E em que é que pensas, melindrosa? Em nada!

Eu, entretanto,
vivo de um sonho lindo, emocional.
— A minha vida é de silencio e encanto...
Vida de alto requinte espiritual!

Andas tonta, sem rumo... Andas á roda...
Dize-me o doce ideal que te fascina...
— Vestes, amas, — talvez — segundo a moda;
vives, emfim, segundo a moda ensina.

O teu perfume me envenena!
E's uma flor decorativa: —
nem podes perfumar meu coração...
Mas reparo que choras... Oh, que pena!
Que melindrosa, Deus do céo! que sensitiva!
...Não pensei que, afinal, fosses assim... Perdão!

CANDUBA

III

Vinhas triste...
Tão triste e pensativa como eu vim...

Comtudo, não sei bem que presentiste
Sei que pousaste os olhos sobre mim;
depois, ingenua, sem querer, sorriste...

Um sorriso suavissimo, tão triste...
Por que? Por que te commoveste assim?
Não sei que vago desconsolo viste...

Meus olhos? Os meus olhos são dourados...
E si são tristes, por que os vens fitar,
com esses olhos tão lindos e enlevados?

Em que é que pensas? Não é bom pensar...
— O que viste em meus olhos desolados
foi a candura do teu proprio olhar...

MIMO

IV

Enchi minhas mãos nervosas
de rosas e beijos vãos.
Foram-se os beijos... As rosas
desfólho-as nas tuas mãos...

Desfólho-as tal como quem
deita no fundo de um cofre
cousas inuteis — porém
preciosas para quem soffre...

Ao menos — despetaladas —
rosas mortas! sempre são
lembranças de horas passadas,
pedaços de um sonho vão...

CIUME

V

A's vezes, eu me ponho a pensar... De repente,
meu amor, penso em ti, sem te querer lembrar...
E sinto uma tristeza differente
dessas que dão vontade de chorar...

Nem é tristeza — bem o sei — é ciume!
O ciume de saber que és linda, és uma flor
e nunca hei de aspirar o teu perfume,
nem nunca hei de possuir o teu amor!...

Comprehendes bem? Fico a scismar horas inteiras...
Tenho imagens de poeta... E digo em vão: "Que pena!
Eu sou Jesus no meu Jardim das Oliveiras...
Jesus de uma impossivel Magdalena!"

Mas, depois me recordo que, afinal,
si te amo assim... si te amo tanto...
é que sou exquisito, original:
faço do meu amor um motivo de encanto!

Dirás talvez: "Ser triste! Ora, — fraqueza!"
Mas eu sou tão sensivel! Deus do céo!
Para esconder de ti o meu ar de tristeza,
sobre os olhos desabo, ás vezes, o chapéo...

Sei que disfarças... Mas, sem que m'o digas,
sabes tudo o que sinto — mesmo assim...
Pois si me vês, segrédas ás amigas:
"Aquelle moço tem paixão por mim..."

ALMA FEMININA

VI

Quem vê teus olhos, adivinha o teu desejo...
O desejo que tens de me beijar...
Si te esquivas de mim, si evitas o meu beijo,
o que sentes, porém, não podes evitar.

Teu olhar, que parece uma caricia, exprime
a ancia do teu desejo alvoroçado!
Ora, um beijo! Afinal, beijar alguem é crime?
Ser feliz, por um beijo, é algum peccado?

Um beijo que se nega — e um capricho, um rancor!...
Que estranho affecto! E' assim o affecto que preféres?
E' hypocrisia... fingimento, meu amor!
E's mulher! E quem ha de entender as mulheres?

Por um capricho vão, desfazemos, ás vezes,
todo um sonho de amor e de felicidade!
Nem vemos que custou, mezes e mezes,
noites sem termo, de vigilia, de saudade...

E's ironica, perfida, inconstante.
Não terei o teu beijo! E' o meu destino!... Emfim...
Talvez beijes a bocca de outro, adeante,
— de olhos cerrados e pensando em mim...

SOLITUDE

VI

Uma rosa fenece em tuas mãos... e cheira!
Mas o perfume é teu! Que olor subtil e suave!
(Minha amiga, tu és uma linda roseira...)

Vem! Perfuma o dulçor destas horas sagradas...
...E emquanto sonhas — eu, sentimental e grave,
beijo-te o sonho sobre as palpebras cerradas...

DEPOIS DO PRIMEIRO BEIJO...

VIII

Não tarda a anoitecer...
O céo é todo rosa e sombra. Que tristeza!
E' a hora vaga, a hora indecisa da saudade...
E vês? O amor nos leva, em sua correnteza,
como um rio a fugir — para além da cidade...

E agora? Onde é que finda esta alameda
cheia de estatuas e de rosas? Não tem fim?
Treme, na minha mão, a tua mão de sêda...
Que tens? Levanta os olhos para mim!

Anoitece...
As arvores parecem mais sombrias,
— sob o silencio longo, evocador...
E eis! — Lá-longe, a cidade resplandece...
Em que pensas? Por que tuas mãos estão frias,
meu amor?

Si este parque é tão calmo... Si essas rosas
são tão lindas!... Pudesses tu colhel-as!...
Sabes? Agora as noites são mais silenciosas,
e é pallido o sorriso das estrellas...

A noite cáe. A sombra é de velludo...
Mas teu lindo corpo é feito de luar!
Em volta, tudo se illumina, tudo!
Parece até que a madrugada vae chegar...

Si eu te beijasse a bocca, de repente...
Que dirias? Por mim... Ora, por mim... Sei lá!
.....
Prompto! Um beijo! Perdôa! Finalmente,
um beijo assim é bom para aquelle que o dá...

E agora, que alegria! que emoção!
Tu me dizias sempre: "Não sou louca..."
Mas não sentes bater mais forte o coração?
A alma quasi me salta pela bocca!...

E, no emtanto, amanhã...
Não te direi mais nada!
Pois a gente no amor se illude quando quer...
— A mulher, quanto mais querida e mais louvada,
mais nos despréza... E' assim toda mulher...

O MELHOR BEIJO

IX

E' tão doce beijar a bocca de uma flôr...
Uma flôr, como tu, que se ama, docemente...
Mas, si te beijo, meu amor,
entristeço... entristeço, de repente!

Tu, que és moça, és alegre e amas tambem,
dize, mas sem sorrir: — acaso, já sentiste
— depois que beijas, longamente, alguem, —
teu coração ficar mais triste?

No amor, ha tantas cousas singulares!...
Ora, imagina: si te beijo,
— teu beijo só me causa angustias e pezares...
...Ou mais febre, mais ancia, mais desejo...

Nunca a gente na vida é bem feliz!
Mas tem sempre uma eterna aspiração!
São palavras, bem sei... Mas, tu sorris?
E' que és simples, talvez, — e não tens ambição...

...Inda espero o teu beijo — o melhor, o mais puro...
(E o mais puro é o que vive na lembrança!)
— E' o beijo que se guarda, em vão, para o futuro,
e se ensaia na bocca, e morre na esperança...

BONECA

X

E' verde-musgo o nosso appartamento...
e todo "coquetterie", frivolidade...
Em tudo — um futil ornamento
e um pouco de bom gosto e habilidade...
Filigranas de renda e cortinas ao vento...
E entre nós dois — o mesmo pensamento
e o mesmo anceio de felicidade...

Sobre o "toilette", finas estatuetas,
perfumes de Caron, crystaes e jarras
transbordantes de cravos e violetas...
Tantas cousas inuteis e bizarras!

Na minha estante,
ha os mesmos toques femininos:
— a edição nova do meu Dante
e as tuas edições de figurinos...

Pacientemente, vejo-te ir e vir,
em face ao espelho do salão florido,
— leve, toda Watteau, no teu vestido,
á hora chic, elegante, de sair...

De luvas brancas e chapéo da moda,
inda tens um retóque a aprimorar...
Lembras uma boneca andando á roda,
entre as quinquilharias de um bazar...

ARTIFICIO

XI

Que sacrificio!
Passas o dia todo em face ao espelho,
córando, num milagre de artificio,
os labios côr de rosa — de vermelho...

Tens, nesse teu requinte de belleza,
um donaire invejavel, seductor...
Por isso as feias te olham com tristeza
e as lindas te olham com rancor...

E todas ellas, no intimo, são más...
(E ha sempre uma que é ironica e invejosa...)
— Dizem que os proprios beijos que me dás
são de puro artificio: — côr de rosa!

VAIDADE

XII

Flôr de luxo e vaidade,
és o encanto, o esplendor das alamêdas,
das avenidas da cidade!
Quando te frócas em setins e sêdas
eu bem sei, eu bem vejo: — é por maldade...

Ah, sentes bem que, para o enlevo,
para o olhar dos esthetas e dos rudes,
a graça na mulher toma o relevo
das mais lindas e angelicas virtudes.

Si fascinaste os meus sentidos,
e eu te amo, eu te amo, leve e esguia, assim,
é pelos teus chapéos, os teus vestidos
e os teus sapatos de setim...

Põe teus anneis e o teu collar!
Tua belleza assim é mais perfeita...
Deixa o mundo falar...

Pobre de quem é linda e não se enfeita
ou só tem um vestido para usar!

PARADOXO

XIII

Falas do teu passado...
De um longinquo passado em que foste feliz...
Depois, ao vêr-me pensativo e desolado,
sorris...

Ah, subito, sentiste
a emoção de uma ephemera alegria!...
Mas eu bem sei que essa alegria é triste,
é amarga, melancolica, sombria...

E' a saudade — clarão — chamma votiva que arde
á penumbra dourada de outro sonho...
Tristeza-alegre de chegares tarde
para o encanto nupcial desse enlevo tristonho...

FRIVOLOS

XIV

Nós nos amamos como toda gente...
Que queres? Somos frivolos, banaes...
Infelizmente,
no amor as almas todas são eguaes...

As palavras que digo e as phrases que me dizes
são sempre as mesmas — ou de affecto ou de louvor.
Ambicionamos ser felizes,
e é tão grande, tão lindo, o nosso amor!

Bem vês! Quem ama é assim... E' natural!
Penso que és a mais linda das mulheres,
— a mais linda, a mais chic e espiritual...
E tu? Digas, em summa, o que disséres,
has de pensar que sou um poeta original.

Para me seduzir e fascinar,
pões tuas joias, teus vestidos finos...
Todos esses encantos femininos, —
feitos para a illusão do nosso olhar!

Córas os labios rubros, côr de sangue,
de um "rouge" novo, de um carmim mais vivo...
Arroxêas a sombra das olheiras
exaggeradas para a tua idade...
E eu — quantas vezes! — triste e pensativo,
contemplo esses requintes de vaidade!

Quando féres a minha fantasia
de amoroso gentil e sonhador,
eu te ólho sempre com ironia
e em teus olhos ha sempre um discreto languor...

Depois (o amor é assim...) dia mais dia,
vem a recordação do teu amor!
E eu te beijo, eu te beijo, — doido de alegria,
e tu choras — vermelha de pudor!...

DESOLAÇÃO

XV

Nunca viste a minha alma... Nunca viste
meu coração desorientado palpitar...
Mas eu sou triste, entendes tu? Sou triste!...
E, si ás vezes sorrio, — é para não chorar!...

Comtudo, eu te amo tanto!
Ah, não dirás que não é teu meu puro amor!
Santa Luzia dos meus olhos! Meu encanto!
Amor do meu delirio! Meu amor!

A tua vida é toda a minha vida!
Os meus sonhos mais lyricos são teus!
Quantas vezes, porém, me foges, distraida,
e nem me dizes, minha amiga, — "adeus!"

E' que sou triste? pobre?
Que te importa, afinal, minha desolação?
Não rias! Olha, eu tenho um coração tão nobre!...
Leviana, eu te offereço o coração!

Meu coração é orignal:
tem torres de ouro... sinos de ouro a repicar...
E' uma pomposa cathedral
onde eu — espiritual — te fechei, num altar...
E, desde então, no meu silencio scismativo,
ingenuamente vivo
a te incensar!

Não rias... Sê piedosa, sê discreta!
Sê compassiva e bôa!
Tua ironia aguda é uma setta, uma setta
que me fére, faz sangue e me magôa...

Tua alegria me faz mal... E vês?
Procuro, embalde, as tuas mãos franzinas,
para que ao menos, uma vez,
— num dia assim, na ancia de amar —
te possa confessar as palavras divinas,
as palavras de amor que fazem soluçar...

NÓS...

XVI

O amor! Queres que o amor na vida
seja á feição dos teus caprichos de mulher?
Vives comtigo mesma envaidecida.
Mas, nem tudo na vida é como a gente quer...

Pensa mais no destino!
Ninguem sabe o futuro o que será...
Eu, por mim, aprendi, desde menino,
que a Sorte é falsa, o Amor illude e a Vida é má!

Tens a vaidade lôuca
de ferir, de humilhar... Mas, que importa? Ainda bem
que um dia já beijei a tua bocca
e bem sei o perfume que ella tem...

E' o perfume das rosas sem pudor!...
Das rosas sem pudor! Mas perdôa! São phrases...
São palavras ao vento, meu amor...
— Teu perfume é o perfume ingenuo dos lilazes...

E's futil como todas as mulheres...
E um pouco perfida, traiçoeira...
Tu me féres, bem sei... Mas, si me féres,
trazes meu nome inscripto na pulseira...

ESTOUVADA

XVII

Tens uns modos ariscos, doidivanas...
De repente, sem quê, nem para quê, te amúas...
Ainda bem que és tu mesma que te enganas:
julgas minhas palavras pelas tuas...

Teu olhar... teu olhar de amúo, de indifferença,
não é, de certo, natural...
Que é que essa tonta cabecinha pensa,
afinal?

Esse chapéo da moda, esse chic, esse andar,
essa graça infantil de boneca de louça,
— tudo isso ha de passar... ha de passar...
quando tu fôres menos moça...

Voluvel como o vento,
tens cada idéa singular,
tens cada pensamento...

Mas, ás vezes, me ponho a meditar,
e em silencio, commigo, devaneio:
— Sei lá! Não fosse o teu estouvamento,
— eu não te amava com esse amor violento
e não te odiava assim como te odeio!

FANTOCHE

XVIII

Que sensibilidade singular!
Quando mais penso que te odeio,
— sinto um desejo louco de te amar...
Comprehendes bem? Meu odio é um devaneio:
odeio o teu sorriso, adoro o teu olhar...

Si te ausentas e, um dia, eu te encontro de novo,
estremeço de susto, esfrio, empallideço...
Sinto parar o coração... e me commovo...
e me enterneço...

E, assim, ás vezes, tento disfarçar...
Tento sorrir... Volto-te o rosto... Mas é tarde!
O mal vem de mim mesmo... Vem de mim:
— vem do meu coração indeciso e covarde.

Não te commovem meus queixumes vãos...
— Ha no teu riso um quê de ironia e deboche...
Eu te amo e odeio!
Sou, assim, nas tuas mãos,
um galã de comedia, um boneco, um fantoche...

AMBIÇÃO

XIX

Ah! Perdôa!... Fiz mal: irritei-me comtigo...
A's vezes, eu me enciumo e exalto, quando ris...
Mas, que importa? Não sou o teu melhor amigo?
Qual de nós, afinal, não se suppõe feliz?

A tarde, toda em ouro e sombras, desfallece...
Deixa a tarde morrer... — Deixa que a luz descance...
Olha em face do espelho: o teu rosto parece,
sob estas sombras de ouro, uma rosa La France.

Conta-me o teu pezar... Conta lá! Que dizias
inda ha pouco? Choraste? E' que me vês risonho?
Pelos teus olhos, sem querer, te denuncias...
Choras? Que bem te faz esse ambiente de sonho!

E' a hora emocional do enlevo e do desejo.
Que desejas? Talvez nem saibas o que queres...
Para o teu hysterismo é tão pouco o meu beijo...
...Ha um tumulto infernal no instincto das mulheres.

Em que a nossa maior aspiração consiste?
...Invejamos, agora, o amor alheio... Após,
cada qual, enervado, inda fica mais triste,
— vendo que os outros têm tanta inveja de nós..

LANGUOR

XX

Que olheiras rôxas! Que ar doentio! Empallideces...
a tua face está mais pallida que a minha.
E esse cansaço?... Olha: pareces
um passaro franzino que definha...

E' o excesso d'esse amor impetuoso
que, pelas noites, talvez,
nos affecte e perturbe o systema nervoso
e aggrave a tua pallidez.

Toda esplendor e mocidade,
vieste para o meu beijo, commovida...
E conheceste, bem cedo, o impudor e a maldade
e as sensações inéditas da Vida...
— Conheceste a tua propria natureza...
E é dahi que te vêm essa fadiga,
minha amiga,
e o sombrio amargor dessa tristeza!

Mas, oh!, descança! Eu temo esse ar doentio
e essas dolentes emoções estranhas.
Ah! si pudesses ir passar o estio
lá longe, — no ar salúbre das montanhas!

Depois, repara bem, estou enfermo.
Tenho accessos de tosse... a febre avança...
E olha: a felicidade tem um termo,
que ella, — excessiva, — ás vezes, tambem cança...

ENFERMA

XXI

O céo é cinza e anil! A hora é grave e solemne.
A hora é liturgica e erma.
Ouço, na meia-luz, num desespero infrene,
a tua voz que geme, a tua voz de enferma...

Ardem-te as temporas em febre...
Por que és pallida assim, branca, branca, sem sangue?
— E's uma rosa de martyrio, exangue...
Uma rosa de nervos, dolorida...
A tua vida é um frágil fio de crystal...
E entendes tu? Eu tenho medo que se quebre,
afinal,
o fio frágil de crystal da tua vida!

Nestas horas, assim, quando a Tristeza chove
ouro e cinza, ouro e crépe, e as folhas vão caindo,
todo o meu coração ingenuo se commove...
E é tão grande o silencio, este silencio infindo...

Sóbe o perfume das violetas do jardim...
Sóbe as cortinas, enche a sala, ondúla e vôa!
Soluças... Não dirás porque anceias assim?
E' que o proprio perfume te magôa?

O' pequenina rosa dolorosa!
Santa dos olhos scismativos e sombrios!
Eu te aqueço nas mãos a branca mão nervosa;
agasalho em meu beijo os teus dedos esguios...

Ah! quizera dizer o que sinto, o que penso...
Mas as palavras são tão vãs e tão vasias...
Perturbam-me os teus olhos côr de incenso
e a eloquencia das tuas agonias...

E' a hora cinza das horas suggestivas!
Que triste é o teu livôr gelado, de marfim!
Sinto que vou morrer... — Morro, para que vivas
tu, só tu, — muito branca e linda — para mim!

OLHOS

XXII

Quando os teus olhos vêm, inundados de sonhos,
repousar, sobre os meus, assim, desfallecidos, —
são sempre vagos e tristonhos...
Ha um romance de amor nos teus olhos doridos...
— Os teus olhos soturnos e tristonhos,
silenciosos e enternecidos!

Minha amiga, não sei as maguas que me inspiras
com esse doce prazer que tens em me fitar...
Tu, de certo, não falas, mas suspiras
pela suave tristeza desse olhar...

Ha somnolencias de um crepusculo sombrio
nos teus olhos dormentes, de setim...
— Olhos de Ophelia, morta, a boiar, sobre o rio...
Olhos de Elsa a chorar por Lohengrin...

...Nos teus olhos da côr suavissima do incenso,
uma pena sem cura, endolorada, chóra...
Vendo-os, eu cérro os meus, longe da Vida... e penso:
"Elles são tristes como os de Nossa Senhora..."

MELANCOLIA

XXIII

Para a minha visão, para a minha esthesia,
para o meu culto ardente de Belleza,
és uma flôr excelsa de Melancolia,
uma Nossa Senhora da Tristeza...

Adormenta os teus olhos côr de bruma
a doçura de um céo angelusente...
Si falas, tua voz pausada é negligente...
As tuas ancias são pungidas, dolorosas...

Acaso penas por alguem?
E' a hora da saudade! Hora em que a luz se esfuma
e ródam folhas... folhas, languorosas,
para além,
num "De Profundis", pelo ar...
Sobre os jardins, a sombra anda a sonhar...
E tu, "mignonne", tu, convalescente
dos olhos tristes, côr de bruma?
...Tu me endolóras de fazer chorar!...

Pena algum mal de amor teu coração?
Algum desgosto te mortificou?
— Os teus olhos estão
mais tristes, no halo rôxo das olheiras...
Ophelia ingenua e commovida!
Lembras-me, assim, alguem que soffreu e enfermou
de chorar, por alguem, noites inteiras,
de chorar por alguem, que é a tua vida!

— Minha Nossa Senhora da Tristeza!
Quizera ao menos amparar-te ao braço,
seguir-te a sombra lenta, na incerteza,
na cadencia indolente do teu passo...
Levar-te, como a um sonho, meu amor,
— ao fim das horas do entardecer —
pelos parques sombrios e sem flôr,
pelos parques... a convalescer...

Mas, que loucura se pensar naquillo
que se não póde, que é impossivel e se quer!
Eu passarei tranquillo, eu passarei tranquillo,
pelo teu coração voluvel de mulher...
Ouve bem, meu amor... Entendes tu? — Jamais,
por ti, — meu sangue heril derramarei...
Para mim, foste a flôr de uma esperança vã...
E inutilmente foi que te amei... que te amei,
naquelle tempo em que eras quasi minha irmã

ARRUFOS

XXIV

...E comtudo uma pena te magôa!
Uma pena, ou talvez um capricho de moça...
Mordes o labio em sangue... e soluças á tôa,
meu frágil Sèvres... "Bibelot" de louça...

E's uma sensitiva,
toda luxo, requinte e subtileza,
Uma palavra má! — E eis-te, emfim, pensativa,
num silencio de arrufo e de tristeza...

Ah! bem sei, minha amiga, bem prevejo
o fim desses arrufos vãos, irreflectidos...
Breve, para outra bocca, ha de voar o teu beijo...
...E seremos, no amor, mais dois desilludidos!

INVERNO

XXV

A cidade,
sob a neblina triste, é monotona e fria.
O crepusculo desce... E — ai de mim! — que saudade!
E' a hora rôxa da melancolia...

Chóram, lá fóra, as arvores da rua...
E soluça a voz lugubre do vento...
Será porque não vens, e é mais triste o sol-pôr?
Olho o céo... Tenho em ti meu pensamento...
Mas chove... Cada vez chove mais, meu amor!

Ao longo das avenidas,
passam silhuetas apressadas,
figurinhas friorentas, encolhidas...
Só tu não vens, só tu! Quantas horas perdidas!
Cada minuto me paréce eterno!...
Quando será que eu beije as tuas mãos geladas,
pelas noites nevoentas deste inverno?

Vejo a tarde morrer — pela janella aberta...
Anoitece... Anoitece... Que tristeza!
— Minha alcova esta noite ha de ficar deserta
— com a lampada — apagada — sobre a mesa...

SENTIMENTAL

XXVI

Minha amiga, é por mim que andas triste, arredia?
Que é do teu lindo riso seductor?
Não penses no passado... Eu bem dizia:
"Ha de acabar um dia o nosso amor..."

A gente ás vezes adivinha...
Depois — não sei porque — se desillude.
Eu pensava no horror desta amargura... E tinha,
quando estava comtigo, um gesto de inquietude.

Hoje, não penso mais... A nossa historia
é a mesma dos amores fugitivos...
— Tu, vivendo em minha alma; eu, — na tua memoria;
Mais tarde: dois silencios pensativos...

Mas, perdôa! Tu foste a minha companheira
de alegrias, de maguas e loucuras...
Por isso, lembrarei, a vida inteira,
as nossas bohemias e aventuras...

E, no intimo, — confesso — que saudade!
Saudade... Um suave enlevo... O que quizeres...
Bem vês: sou o poeta futil da cidade:
vivo pela belleza das mulheres...

FATALIDADE

XXVII

Ah, que tristeza! Emfim, não te verei jamais.
E' o triste desenlace, é a derrocada...
Da inquietação febril de um desejo fugaz,
meu amor, meu amor, que resta em summa? — Nada!

E bem vês: si houve um erro, entre nós dois, esse erro
foi do destino, foi da inconstancia da sorte.
Dize: devo partir? Mas partir é o desterro
de tua alma... é partir de um sonho para a morte!

Toda historia de amor tem seu ponto final
num soluço ou num beijo... — E' o beijo o que reclamo.
Que importa! Eu sempre fui sentimental...
Depois, percebes tu? — eu te amo tanto! eu te amo...

Deixa a vida seguir o rumo que seguia...
Has de esquecer-me, cedo ou tarde... E, assim,
serás, para outro amor, dia mais dia,
a mesma que eras hontem para mim...

Mas, adeus! Não pensemos no futuro!...
Que mais queres de mim? De ti, que mais desejo?
— Toda historia de amor, immaculado ou impuro,
termina sempre assim — num soluço ou num beijo...

CAPRICHOS

XXVIII

Sei bem que o nosso amor já não existe...
Mas si eu te soube amar, — não te posso esquecer.
Sinto que estou mais pallido, mais triste...
Sinto, de quando em quando, o coração me doer.

As noites, para mim, são tão vasias!...
Caminho em vão pelos jardins abandonados,
e sigo as ruas longas e sombrias
— para que ninguem veja os meus olhos molhados.

Vejo apenas meu vulto alongando-se ao luar.
Nós eramos, porém, duas sombras amigas...
Dize: não tens tristeza em recordar
essas cousas antigas?

Por um simples capricho inconsequente,
— que é tudo e é nada — o nosso amor morreu!...
Mas si és mulher e tens orgulho — felizmente
o meu orgulho inda é maior que o teu!

Que importa! Soffrerei as minhas penas
no socego da minha solidão...
— Antes perder um sonho, um sonho, apenas,
que ferir inda mais meu coração!

SONHOS...

XXIX

Um sonho vão nasce e fenece
a um beijo, a um suave olhar, — assim
como aos beijos do luar floresce
e morre um lírio num jardim...
Olha o teu sonho em flôr... Parece
o lírio rôxo que enlanguesce
entre os teus dedos de setim...

Que lindo sonho! Um sonho de ouro
foi o teu sonho passional...
Ah, si não foi mais duradouro
foi sempre um sonho original!...

Flôr sensitiva de Hysteria,
fica vasio o teu logar...
Outra virá... talvez no dia
em que outra bocca te beijar!...

LAGRIMAS...

XXX

Mas, emfim, por que choras?
e esse tremor convulso em teus labios? — Fraqueza!
As horas que ha no amor mais lindas são as horas
em que se soffre... São as horas de tristeza...

Não te illudas! O amor é a nevrose do instincto...
O que amamos, em summa, é o nosso proprio sêr...
Que soffres tu? Talvez o que soffro, o que sinto...
Ah, dize! que maior ventura has de querer?

Basta ao nosso presente o que fomos felizes..
(Olha, a felicidade, ás vezes, intimida...)
Soffre, mas sem rumor... Sorri! — Não dramatizes,
com o teu pranto indiscreto, a comedia da Vida...

DESVARIO

XXXI

Teu pranto é louco... E' um desvario.
...Passo os meus dias sem te ver... E, emtanto,
tudo o que soffro — silencio...
Nos meus olhos não vês uma gota de pranto!

Mas tu choras em vão... Minha Nossa Senhora!
Que impaciencia! Olha aqui, um momento... Ouve bem...
— Que vale o pranto, quando a gente chora,
assim, ruidosamente, por alguem?

Não dás remedio ao que morreu! Bem viste
que a ventura, no amor, é um bem fugaz: illude!
E' um bem paradoxal: é ventura, — e consiste
nestes dias de vãos anceios, de inquietude...

Era bom, para mim, quando eu tinha saudade...
Hoje, soffremos menos, — e é peor...
Ah, não chores, em vão, pela felicidade!
Olha: o amor, quanto mais desgraçado, — melhor!

ROMPIMENTO

XXXII

E' sempre assim: o proprio amor se cança...
Pouco a pouco fenece... E' como a flôr mais linda!
— Todo elle, no começo, é desejo e esperança,
e um triste desencanto, quando finda...

Não sorrias! Bem vês que soffro, inutilmente,
por este rompimento inesperado!
Oh, romper! Reduzir a cinzas o presente,
para depois viver dos sonhos do passado!

Romper! O amor tem sempre a mesma historia!
Mas, quanto custa a crêr que tudo terminou,
si a gente vê, a cada instante, na memoria,
tudo o que a alma soffreu e o coração amou?

Num rompimento,
ha sempre um coração que mais ama e padece:
— é o que fica a chorar no esquecimento,
e em vão busca esquecer a quem o esquece.

Depois, vamos amando como outr'ora...
Vamos amando? E bem peor... Mas é preciso...
E' preciso illudir o coração que chora...
...E cedemos, por isso, ao primeiro sorriso...

Nova desillusão virá... E, um dia,
— por capricho ou vaidade, —
quebra-se o novo affecto, a alma fica vasia...
E de tudo, o que resta? Apenas — a saudade!

Mas não se encontra nunca o amor ideal na vida.
Pois si os homens são máus — as mulheres, que são?
A que diz mais amar — é a mais fingida,
é a que mais nos illude o coração...

AUSENCIA

XXXIII

Os tulles da cortina transparente
velam de sombras teu "studio" quieto...
— O aposento onde vinhas, suavemente,
lêr Géraldy, — teu poeta predilecto...

No silencio que faz, e ronda a casa,
como evocando uma lembrança antiga,
eu me assusto a um rumor: um ruflo d'asa...
Será a tua saudade, minha amiga?

Será a tua saudade que, tão cedo,
me vem vêr? Ah, quem dera que assim fosse!
Mas, ora! Que emoções nos causa o medo!
...Foi uma flôr: tremeu, e desfolhou-se...

A lampada apagou-se de tristeza
no halo de sombra do "abat-jour" vermelho...
No emtanto, o teu retrato, sobre a mesa,
inda sorri para o crystal do espelho...

ANONYMO

XXXIV

Não me entristeço do que sou. Jamais!
Que importa ser assim contemplativo,
com estes modos só meus — originaes?
Estou bem como estou, vivo bem como eu vivo...

Paciencia! Vivo anonymo, esquecido,
mas realço a tua graça de mulher...
Pouco me importa não me dês ouvido
e diga a tua bocca o que disser...

Hontem, sobre este vaso, uma rosa morreu,
— como um suspiro tremulo, um queixume...
Emtanto, a sala quieta amánheceu
que era toda um suavissimo perfume...

E' assim, com a minha simples humildade,
simples e triste, que te dou relevo,
— e te exalço, e te louvo a mocidade,
quando falo de ti, ou quando escrevo.

Dizem: "Que flôr excelsa de Belleza!"
Mas, si alguem te conhece, alguem sabe que existes,
— parabens á minha tristeza,
linda creação das minhas horas tristes!

Si te amo, — não te persegue o meu ciume...
Quero viver humildemente bem,
— mas adorado como um bom perfume,
enchendo a vida frivola de alguem...

SAUDADE

XXXV

Quando a hora é de Ternura, e o crepusculo desce,
tremulando, á feição de uma asa de velludo,
qualquer cousa de ardente e triste me enternece.
E eu penso em ti, penso em teus olhos, penso em tudo
que a saudade ensinou, — e nunca mais se esquece.

Oh, guardar, em silencio, um pouco de lembrança!
Lembrança que ficou como um perfume suave
nuns restos de lilaz, num jarro de faiança,
ou num lenço que tanto mais a gente lave,
mais reactive o perfume ou reavive a esperança...

Lembrar! Resurreição... Viver de velhos dias...
Acordar, num clarão, o sonho que repousa!
Lembras-te bem? As tuas mãos eram tão frias...
E, quando, olhos no céo, pensando, emmudecias,
eu quedava a pensar comtigo a mesma cousa.

Mas, olha, tinha, um dia, ao menos, de ser triste
o coração feliz e inquieto que amou tanto!
(Em todo sonho vão um desengano existe...)
E dize: tu, que és bella, acaso, um dia, viste,
mais que um sonho — durar um passageiro encanto?

Oh, guardar a lembrança antiga de um desejo,
de um sonho que passou e se perdeu, ao léo!
Eu não sei onde estás — mas procuro o teu beijo...
E nos meus olhos enlevados inda vejo
os teus olhos febris cheios do azul do céo...

DEANTE DO MEU "BUREAU"

XXXVI

Aqui, no meu salão, nada mudou.
Apenas abri mais aquelle reposteiro
e o relogio, sem corda, esmoreceu, parou...

Tudo isto que tu vês só me fala de ti.
— A minha penna, o meu tinteiro
e o "rouge" de Coty,
que esqueceste, uma vez, sobre o "bureau".

Olha o "abat-jour" de sêda japoneza...
E' côr de ouro. Gostavas tanto dessa côr!...
Este é o teu retrato. Que tristeza
nos teus olhos redondos, meu amor!

A's vezes penso uma ironia
que te fira bem fundo o coração...
Mas depois que te escrevo, eu sinto uma agonia,
um remorso, uma dôr... Será de commoção?

Não sei! Não sei dizer o que receio...
— A carta que te escrevo eu a rasgo depois.
Oh, nunca chego a pôl-a no correio!
Pois si tudo findou entre nós dois...

Mas si tudo findou,
por que é que passo aqui o dia inteiro?

Pobre do coração que tanto amou!
— Vou quebrar minha penna e o meu tinteiro,
vou fechar teu retrato no "bureau"!

SERENIDADE

XXXVII

Lá fóra, o poente é uma agonia;
aqui dentro — começa a anoitecer...
O "abat-jour", sobre a luz da lampada sombria,
é uma rosa dourada a florescer...

Esta noite, é mais triste o socego da sala.
E que perfume! Vem de ti ou do jardim?
A hora é propicia a confidencias... Vamos, fala...
Vamos, dize: por que te esqueceste de mim?

Caprichos de mulher? Vamos! Fala, sem medo...
Eu te ouvirei para depois chorar...
A sombra velará o teu segredo
e a suave languidez do teu olhar...

Baixas os olhos? E' arrependimento?...
Que é dos meus lindos sonhos? Onde estão?
Eu tinha, ás vezes, o presentimento
de que illudias o meu coração...

Adivinho que tens chorado e tens soffrido,
depois que me esqueceste, meu amor.
Eu, por mim, estou mais envelhecido,
Mas inda sou o mesmo sonhador.

O que sentes por mim é quasi nada... e é tudo!
— Um interesse que até nos teus olhos se vê...
Nunca, porém, me engano nem me illudo:
meu coração quanto mais ama menos crê...

ORGULHO

XXXVIII

Louvo a mim mesmo o meu orgulho... E soffro tanto!
Si soubesses como eu me martyriso...
Sempre o orgulho no amor! Não me quebranto!...
Soffro, serenamente, num sorriso...

Eu sei que vives para o amor de alguem!
Mas si falam de ti, que estás ausente,
dissimúlo o meu odio: "Vamos bem...
Ella está cada vez mais linda... Felizmente!"

Depois, fico a pensar que andas longe, esquecida
de que foste a maior ventura deste amor!...
Andas de beijo em beijo, pela Vida...
Mas que pena de ti! — A flôr, polluida,
nunca mais torna a ser a mesma flôr...

Quero, ás vezes, chorar, piedosamente,
sobre o destino que te fez assim...
Mas sorrio aos amigos: "Felizmente,
ella está cada vez mais dócil para mim..."

MORTA

XXXIX

Está findo o romance...
Para o meu pensamento não existes...
Minha rosa La France,
de olhos tristes!...

Para mim, estás morta!
Si falo do passado, é com desdem...
Mas passo toda noite á tua porta,
como si ali passasse por alguem...

E quando passo, os modos graves, ouço:
"Aquelle moço
anda triste de mais... Não anda bem..."

Que importa!
Continúo a passar á tua porta...
(Quem sabe as minhas lagrimas sou eu...)

Finjo que te vou vêr ao campo-santo...
E si alguem me disser: "Mas choras tanto..."
Eu direi simplesmente: "Ella morreu..."

DESENLACE

XL

Minha alma doente aquecia-a
á chamma do teu amor...
E a chamma, em ouro, fulgia
como um voto em meu louvor!

Tomei-te a bocca macia,
sangrenta, cheirando a flôr...
Um beijo! E o beijo fugia
como um hymno em meu louvor...

O amor é assim... Quem diria?
Mais tarde — um gesto e um clamor...
E uma saudade nascia,
na tua alma, em meu louvor...

Ah, depois, como eu soffria!
...a chamma do teu amor
pallidamente tremia...
...e apagou-se em meu louvor...

OUTUBRO

XLI

Outubro! Languidez... Melancolia...
As rosas morrem nos jardins, nas alamêdas...
E a minha alma, em silencio, se entedia,
— pede agasalhos de velludo e sêdas!

Na ampulheta do Tempo, Outubro passa,
triste e soturno, — para os tysicos e as rosas.
O céo parece feito de fumaça,
sobre as arvores núas, pezarosas...

Que sensação de magua e de abandono!
Todo este mez é um desalento — é assim...
Horas de cinza... Meios tons... E' o mez do Outomno...
E' o mez em que te amei — mais triste para mim!...

Dulçor!... Serenidade espiritual...
Cousas aristocraticas e finas...
— Eis o que me suggére este mez outomnal,
com as suas melancolicas neblinas...

E' neste mez que, á noite, quando leio,
fecho o meu livro — e penso em ti, como a sonhar...
como num doce e lindo devaneio,
— emquanto as horas passam, devagar...

Brumas... Fôlhas ao léo, rodando em vão!
A propria voz do vento é como um chôro...
...E eu vejo e sinto, na imaginação,
teus olhos claros, teus cabellos de ouro
embellezando a minha solidão!

QUANDO O AMOR MORRE

XLII

Uma carta de amor que me chega atrazada!
Pelo perfume e a côr, sei bem quem m'a escreveu...
Mas, que vale esta carta perfumada,
si o nosso amor, que era tão lindo, já morreu?

E que phrase me escreve: "Meu querido!"
Si ella, ao menos, pensasse em meu amor...
eu nunca fôra, assim, tão depressa, esquecido,
nem odiado, talvez, com tamanho rancor...

Uma carta gentil, após um rompimento!
O destino tem dessas ironias...
— Para allivio de um grande soffrimento,
que me trazem? — Recordações, melancolias...

Tinha de ser assim... Foi meu destino!
(Na vida só se faz o que o destino quer...)
Já não creio em affecto feminino
— porque mulher, emfim, sempre é mulher!

Nem tive, ao menos, uma bôa estrella,
feliz e bôa, tutelar, serena...
Pois, si a mim não é facil esquecel-a,
tambem lembral-a — já não vale a pena!

POSTFACIO

"O surprehendente emotivo de "O Suave Enlevo" póde cortejar muitas meninas, "flirtar" com varias "melindrosas", dizer phrases a muitas "bas bleus", si lhe sobra tempo para esse melhor e mais aprazivel dos passatempos, mas não creio que essas loureiras vulgares possam comprehender os murmurios, as jaculatorias, as apostrophes, as subtilezas da sua musa. Falta-lhes o aroma essencial, que sóe attrahir e deleitar essas rombas pituitarias: a futilidade, o logar-commum.

De modo que a sua poetica rigorosamente psychologica e ironica como a de Heine e de Corbiére resvala dos "boudoirs" masculinisados das "garçonnes" para a estante dos homens, dos escriptores. Tudo no seu livro é original e fascinante: a combinação engenhosa dos metros, para novos effeitos de harmonia; a graça negligente das locuções; o jogo

paradoxal das idéas; o desdobramento das narrativas, a commedida selecção dos vocabulos, o modo natural de ferir e apresentar os assumptos."

CARLOS DIAS FERNANDES — *O Paiz*, de 15 de Setembro de 1926.

"*Acabei de ler, agora mesmo, o livro do Sr. Bastos Portella: "O Suave Enlevo". Livro bom, envolto em graça melancolica, sincero. Livro de poeta, com pequenas annotações muito finas e a elegancia civilisadissima de sentir e de dizer.*"

ALVARO MOREYRA.

"Bastos Portella é o nome do dia. O seu livro — "O Suave Enlevo", grande successo de livraria, collocou-o n'uma evidencia invejavel. Aliás Bastos Portella já era, entre nós, um nome bem amado e bem conhecido. As mulheres pelo menos o conheciam e o amavam. E haverá, acaso, maior gloria para um pôeta do que essa de ser amado e conhecido das mulheres?

"O Suave Enlevo" foi um livro feito com o pensamento nas mulheres — feito para as mulheres."

Da *Careta*, de 19 de Agosto de 1926.

"O Suave Enlevo" faz pensar numa paizagem ao morrer de um dia sem sol. Tudo nelle é maciez, scisma e essa voluptuosa expressão do soffrimento — melancolia. E o céo parece mais perto, e o rumor do vento beijando frondes é tão embalador quanto um murmurio longinquo de agua corrente que nos viesse, de longe, ao coração."

ROSALINA COELHO LISBÔA.

"O Suave Enlevo" é uma agua corrente de poesia, jorrada mansa e crystalinamente de uma fonte rica de emoção, e levando, ao sabor dos marulhos leves, uma desfolhada de idéas e um despetalamento de imagens...

Um exemplo:

BONECA

E' verde-musgo o nosso appartamento,
e todo "coquetterie", frivolidade...
Em tudo, — um futil ornamento
e um pouco de bom gosto e habilidade...
Filigranas de rendas e cortinas ao vento...
E entre nós dois — o mesmo pensamento,
e o mesmo anceio de felicidade...

Sobre o "toilette", finas estatuetas,
perfumes de Caron, crystaes e jarras
transbordantes de cravos e violetas...
Tantas cousas inuteis e bizarras!

Na minha estante
ha os mesmos toques femininos:
a edição nova do meu Dante
e as tuas edições de figurinos...

Pacientemente, vejo-te ir e vir,
em face ao espelho do salão florido,
— leve, toda Watteau, no teu vestido,
á hora "chic", elegante, de sair...

De luvas brancas e chapéo da moda
inda tens um retóque a aprimorar...
Lembras uma boneca andando á roda,
entre as quinquilharias de um bazar...

RAUL MACHADO.

"O autor do "O Suave Enlevo" nasceu para viver magnetisado pelo suggestivo sorriso das mulheres. E', talvez, o mais romantico dos nossos poetas, nesta época vertiginosa de homens praticos.

Bastos Portella, pobre como é, vivendo da penna, a profissão mais precaria desta terra, não trocaria um sorriso gentil de uns labios femininos pelos milhões de Henry Ford.

E' um visionario, um apaixonado que vive exclusivamente para a sua Arte.

MARIO CORDEIRO.

Deste livro diria um italiano que elle "è pieno de gentilezza", e diremos nós, brasileiros, que é cheio da nossa alma de povo, de nossa profunda e melancolica ternura, de nossa emotividade essencial...

Bastos Portella é, nesta idade prosaica, ainda um aédo do amor. Mas o seu amor e os seus cantos de amor têm os rythmos de hoje.

Intimista como Géraldy, em cujos poemas os seus poemas fazem pensar, não por influxos patentes, mas por affinidades indefiniveis, Bastos Portella põe nos seus versos uma deliciosa

illuminação interior, que é como a luz discreta de uma lampada a arder no recolhido silencio de uma sala deserta.

Ha, na sua volupia de sonho, uma tristeza disfarçada. E, na sua alegria de amar, uma amargura escondida. Mas ha, sobretudo, em todos os seus poemas, um veio tão cantante de poesia, que se diria uma agua viva no seio sonoro da floresta."

D'*A Noticia*, de 21 de Agosto de 1926.

"Ha na sua arte todo um precioso conjuncto que o torna merecedor de justos encomios.

.....

Modernizando velhos themas, com visão maravilhosa, actualisando assumptos já ventilados no mundo poetico, extrahindo, porém, delles reflexões bizarras, em moldes contemporaneos, Bastos Portella, neste novo e rico trabalho, vae reaffirmar os seus dotes de poeta e de fino psychologo."

Padre Assis Memoria.

"Nos versos de Bastos Portella não ha preoccupações do "poeta objectivo", pois no fundo da sua elegancia, da sua decoração verbal, ha sempre uma grave, uma dorida sensibilidade, uma angustia velada, uma interrogação feita em rosa e sombra.

Os seus dramas são desenhados em laca de Florença, e em vez de manchas de sangue ha um clarão de opala marcando o destino de cada mulher.

A poesia de Bastos Portella é o que poderiamos chamar a "poesia confidencia" — dita de bocca á bocca — de coração a coração — de beijo a beijo...

O poeta não canta — gorgeia. Não chora — soluça balxinho.

Desejariamos citar alguns versos, mas de tal forma se harmonisam e se igualam que preferimos não o fazer, á espera de que o leitor os medite."

João Ribeiro Pinheiro

"Bastos Portella é, indiscutivelmente, um romantico, um sentimental; e, sem ser um desilludido, é todavia, um triste, cuja retina se impressiona sensivelmente com o lado aspero da vida. Dando ás suas rimas uma feição moderna, sob essa roupagem, no 'emtanto, deixa transparecer a sua melancolia de sonhador.

Como sentimental, é, tambem, lyrico e emotivo, e a sua philosophia rendilha-se em imagens que bem traduzem o seu feitio.

Assim é que, sempre esperançoso, observa:

..."E' n'agua das lagôas taciturnas
que os cysnes mais felizes vêm boiar..
Para as sombras nocturnas,
ha sempre um pyrilampo a accender e a apagar."

Em todo "O Suave Enlevo" encontra-se ainda uma fluencia de linguagem, termos singelos e de uso corrente, o que evidencia da parte do autor o objectivo de escrever para ser entendido."

HELIO CANTO (HONORIO DE CARVALHO) — *O Imparcial*, de 26 de Setembro de 1926.

"Bastos Portella canta no seu livro, que é uma especie de autobiographia sentimental, as aventuras galantes que têm illuminado a sua existencia de sonhador. "O Suave Enlevo" é, assim, um poema de amor, em que ha deliciosas projecções interiores e bellezas imprevistas, a que a musa desse aêdo triste empresta o encantamento e o rythmo da poesia moderna. Como "Toi et Moi", em que Paul Géraldy vasou toda a ternura e todo o sentimento de sua alma, "O Suave Enlevo" é um livro cheio de volupia sonora e ardente, e de uma inquietude intima que denuncia um espirito profundamente voluvel e uma natureza de contemplativo rebelde, a vagar dentro do seu grande sonho de arte."

Do *Globo*, de 6 de Setembro de 1926.

"Bastos Portella, o suavissimo "Yves", do "Fon-Fon", acaba de publicar o seu tão annunciado livro de poemas "O Suave Enlevo".

Livro de estréa, os versos de "O Suave Enlevo" firmam, entretanto, o poeta.

Realmente, se a condição para a formação de um poeta é a personalidade, esta a possue, innegavelmente, Bastos Portella."

D'*A Reacção*, de 9 de Setembro de 1926.

"Acaba de ser posto á venda o bellissimo poema do nosso collega Bastos Portella, delicioso "tanger da lyra poetica".

.....

São versos magnificos, espontaneos, onde as idéas velhas realçam na fórma inédita e as novas, em maioria, são vasadas com espirito e muita arte."

D'*A Noite*, de 22 de Agosto de 1926.

"O "Suave Enlevo" traz o encantamento que previa a anciedade espectante do nosso publico ledor.

E' um livro para se lêr em perfeito recolhimento espiritual, sob sombras cariciosas que façam esquecer a inquietação destas horas convulsas que o homem vae vivendo."

D'*A Manhã*, de 21 de Agosto de 1926.

"Nesta hora, Bastos Portella preoccupa excepcionalmente suas idolatrias. E' que elle acaba de publicar o seu esperado livro de versos "O Suave Enlevo". Ha muito tempo não vemos um titulo de livro escolhido com tanta felicidade. Na verdade elle é precisamente o suave enlevo de quantos o lêem.

Bastos Portella é bem moderno, bem pratico, bem experimentado, porque entra no escuro de olhos perfeitamente abertos e não vendados como os romanticos de outr'ora.

. . . . . .

Acredita no amor tal qual elle é, realmente, com todos os seus sabores e dissabores, glorificando-o e endeusando-o. Bastos Portella formúla e resolve o problema como elle deve ser feito. E' deliciosamente sympathica e sua psychologia."

Da *Gazeta de Noticias*, de 24 de Agosto de 1926.

INDICE

INDICE

	Pags.
O lado côr de rosa da vida	15
Melindrosa	17
Candura	19
Mimo	21
Ciume	23
Alma feminina	25
Solitude	27
Depois do primeiro beijo	29
O melhor beijo	31
Boneca	33
Artificio	35
Vaidade	37
Paradoxo	39
Frivolos	41
Desolação	43
Nós	45
Estouvada	47
Fantoche	49
Ambição	51
Languor	53
Enferma	55
Olhos	57
Melancolia	59
Arrufos	61

	Pags.
Inverno . .	63
Sentimental . .	65
Fatalidade . .	67
Caprichos . .	69
Sonhos . .	71
Lagrimas . .	73
Desvario . .	75
Rompimento . .	77
Ausencia . .	79
Anonymo . .	81
Saudade . .	83
Deante do meu *bureau*	85
Serenidade . .	87
Orgulho . .	89
Morta . .	91
Desenlace . .	93
Outubro . .	95
Quando o amor morre	97
Postfacio . .	103

BASTOS POETELLA
EM
LOUVOR
DA
MULHER